



Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais do Município de Laranjeiras do Sul, Paraná

Popular knowledge about medicinal plants in rural communities in the municipality of Laranjeiras do Sul, Parana, Brazil

Karen Karoline de Oliveira Glowka¹; Siomara Aparecida Marques²; Gabriela Silva Moura³

¹Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul; +55 42 9999-8037, k.ren.k@hotmail.com.

²Doutora em Sociologia Política, Professora, Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, siomarques@uffs.edu.br.

³Pós-doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, bismoura@hotmail.com.

ARTIGO

Recebido: 03/09/2020

Aprovado: 25/11/2020

Palavras-chave:

Etnobotânica
Cantuquiriguaçu
Agroecologia
Conhecimento tradicional

Key words:

Ethnobotany
Cantuquiriguaçu
Agroecology
Traditional knowledge

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo resgatar o saber popular sobre as plantas medicinais utilizadas para a promoção da saúde e da agroecologia no município de Laranjeiras do Sul – Paraná. Foi realizado um estudo etnobotânico de abordagem quantitativa, seguindo o método descritivo, a partir de uma pesquisa de campo com agricultores das comunidades Passo Liso, Rio do Tigre e Rio Verde, situadas nesse município, entre os meses de novembro de 2018 à janeiro de 2019, por meio de visitas pré-agendadas e acompanhadas pelo Agente Comunitário de Saúde (ACS) da respectiva comunidade. Os dados foram obtidos com dezesseis famílias na comunidade de Passo Liso, dezenove famílias na comunidade Rio Verde e quinze famílias na comunidade Rio do Tigre, totalizando 50 famílias de agricultores, indicados aleatoriamente pelo ACS da microárea correspondente à Unidade de Saúde do SUS. Os resultados mostraram que 100% dos agricultores utilizam plantas medicinais para tratar sintomas de doenças, e possuem essas plantas em seus quintais. Foram citadas 73 espécies, das quais as cinco plantas mais utilizadas pelos agricultores(as) são: a *Mentha* spp. (hortelã), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), (*Zingiber officinale* Rosc.) gengibre, *Artemisia absinthium* L. (losna) e *Chamomilla recutita* (L.) (camomila).

ABSTRACT

This research aimed to rescue popular knowledge about medicinal plants used to promote health and agroecology in the municipality of Laranjeiras do Sul - Paraná. An ethnobotanical study with a quantitative approach was carried out, following the descriptive method, from a field research with farmers from the communities of Passo Liso, Rio do Tigre and Rio Verde, located in this municipality, between the months of November 2018 to January 2019, through pre-scheduled visits and accompanied by the Community Health Agent (CHA) of the respective community. The data were obtained with sixteen families in the community of Passo Liso, nineteen families in the community Rio Verde and fifteen families in the community Rio do Tigre, totaling 50 families of farmers, randomly indicated by the ACS of the micro area corresponding to the Health Unit of SUS. The results showed that 100% of farmers use medicinal plants to treat disease symptoms, and have these plants in their backyards. Were 73 species cited, of which the five plants most used by farmers are: *Mentha* spp. (mint), *Rosmarinus officinalis* L. (rosemary), (*Zingiber officinale* Rosc.) ginger, *Artemisia absinthium* L. (worm) e *Chamomilla recutita* (L.) (chamomile).

INTRODUÇÃO

A prática de utilizar plantas para tratamento de doenças é tão antiga quanto à história da humanidade. Sendo essa prática comum e significativa desde tempos imemoriais até a atualidade,

é utilizada pelo homem com a finalidade de cura das enfermidades, prevenção de agravos e tratamento de doenças (MATTOS et al., 2018). No Brasil, grande parte do conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais advém da cultura indígena que utilizava em rituais e como método curativo.



Além do conhecimento sobre como utilizar as plantas medicinais, os indígenas também sabem como cuidar da biodiversidade, e por estas razões são considerados como a maior e mais confiável fonte de conhecimento empírico sobre as plantas medicinais. O conhecimento tradicional indígena pode ser encontrado em todo o território brasileiro (ROCHA; MARISCO, 2016; ALVES et al., 2015).

Os jesuítas também tiveram um papel importante frente ao uso de plantas medicinais no território brasileiro, este não apenas com a função de catequizar, mas também de promover o tratamento e a cura de enfermidades, foram absorvendo gradativamente os conhecimentos indígenas que inicialmente eram vistos pelos jesuítas como feiticeiros. Além da incorporação do conhecimento indígena, os jesuítas foram responsáveis pelos primeiros registros escritos e a elaboração de uma Farmacopéia Brasileira (ROCHA et al., 2015).

Outra cultura que influenciou significativamente a prática de utilizar plantas para curar doenças no Brasil é a cultura europeia. Esta chegou ao Brasil com os colonizadores que se depararam com tamanha biodiversidade da fauna brasileira, e também incorporaram o conhecimento tradicional indígena. Com relação a incorporação da cultura indígena pelos europeus “o indígena não conhecia somente de localização de ouro ou onde poderia ser encontrado o pau-brasil, ele também era detentor de um saber que poderia significar a diferença entre a vida e a morte, em um biota completamente desconhecido para o europeu (BADKE, 2008).

Na região sul do Brasil é que se pode perceber traços da cultura europeia, sendo a população descendente de imigrantes alemães e italianos. É também nesta região que o cultivo de plantas medicinais (há mais de 100 anos) predomina, e o fator que contribui para essa afirmação, são as condições favoráveis do solo e clima da região sul que é predominantemente frio, semelhante ao clima europeu (STADNIK; VELHO; ZORRILLA, 2019).

A cultura africana também contribuiu com a prática de utilização de plantas medicinais no Brasil. Trazidos durante o período colonial, pelas famílias europeias, para serem seus escravos, os africanos trouxeram consigo suas tradições como o uso de plantas medicinais as quais eram utilizadas em rituais religiosos e por suas propriedades farmacológicas, empiricamente descobertas (SILVA et al., 2019).

O uso das plantas medicinais é o resultado do acúmulo secular de conhecimentos empíricos sobre a ação das plantas por diversos grupos étnicos, entretanto a continuidade do conhecimento tradicional passado de geração em geração, está ameaçado, devido à esta prática ser influenciada por fatores como a grande exposição das comunidades à atual sociedade urbano tecnológica; pressões econômicas e culturais externas e facilidade de acesso a serviços médicos convencionais.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), reconhece a importância das plantas medicinais para a promoção da saúde, bem como incentiva o resgate, o reconhecimento e a valorização das práticas tradicionais e populares de uso de plantas e remédios caseiros (OMS, 2013). A OMS ainda ressalta a importância da Medicina Tradicional para atenção primária a saúde, uma vez que 80% da população utiliza práticas tradicionais nos seus cuidados básicos de saúde, sendo 85% plantas ou preparações destas (BRASIL, 2016).

Entre os principais temas relacionados às plantas medicinais, está a agroecologia e a etnobotânica. Segundo Caporal (2016), a agroecologia é uma disciplina científica, tem como foco uma perspectiva ecológica, proporcionando uma visão ampla e interdisciplinar sobre os atuais processos agrícolas. Assim, a agroecologia como ciência estabelece as bases para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável. A conexão entre a agroecologia, o desenvolvimento sustentável e as plantas medicinais, está em um ponto convergente comum entre os temas que é a valorização do conhecimento empírico. A etnobotânica, é um conhecimento científico que, como a agroecologia, incorpora o conhecimento empírico, com a finalidade de conhecer as relações entre o homem e as plantas que são por ele utilizadas. Permite de forma abrangente conhecer a forma de cultivo, o manejo, como é feita a identificação, o preparo, e como é consumida a planta.

Nesse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo resgatar o saber popular sobre as plantas medicinais utilizadas para a promoção da saúde e da agroecologia em comunidades rurais situadas no Município de Laranjeiras do Sul, Paraná.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa trata-se de um estudo etnobotânico de abordagem quantitativa, seguindo o método descritivo, a partir de uma pesquisa de campo com agricultores das comunidades rurais de Passo Liso, Rio do Tigre e Rio Verde, situados no município de Laranjeiras do Sul, no Paraná. Laranjeiras do Sul possui uma área territorial de 673.313km², está localizada geograficamente a uma altitude de 840m, latitude 25° 24' 28" S, longitude 52° 24' 58" W. O clima predominante na região é o subtropical úmido. Tem uma população total de 32.132hab., sendo que aproximadamente 6.462hab., residem na zona rural do município (PMLDS, 2018). A pesquisa foi realizada em novembro de 2018 a janeiro de 2019.

Foram realizadas visitas pré-agendadas e acompanhadas pelo Agente Comunitário de Saúde (ACS) de cada comunidade. Os agricultores foram indicados pelo ACS da microárea correspondente, e o critério da amostra utilizado para a escolha dos agricultores que responderiam ao questionário, foi ser maior de 18 anos e residir em uma das três comunidades. Para uma amostra significativa optou-se por entrevistar um quantitativo de 20% das famílias residentes em cada comunidade, sendo que apenas um dos membros da família seria entrevistado. A comunidade de Passo Liso constituída por 77 famílias das quais dezesseis foram entrevistadas, a comunidade Rio Verde com 95 famílias, destas dezenove famílias foram entrevistadas e a comunidade Rio do Tigre apresentou 72 famílias, destas quinze foram entrevistadas.

No momento da visita, sob o acompanhamento do ACS, foi explicado aos agricultores(as) que seria uma pesquisa realizada com finalidade acadêmica sobre seu conhecimento referente ao cultivo e ao uso das plantas medicinais, sendo resguardada qualquer informação pessoal fornecida ao pesquisador. Assim, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado aos entrevistados e assinado.

Após a entrevista, foram realizadas turnês-guiada com os agricultores(as) conforme proposto por Albuquerque et al.

(2014). Com as plantas citadas pelos agricultores (as) foi realizado registro fotográfico, coleta e identificação de materiais botânicos, com auxílio de literatura pertinente e de informações do Internacional Plant Names Index (IPNI, 2019). A análise e apresentação dos dados foi realizada de forma descritiva, e os resultados obtidos foram transcritos em planilhas de dados e analisados com auxílio do programa Excel 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se que a faixa etária dos moradores foi entre 20 e > 60 anos, com representação em todas as comunidades dentro deste intervalo (Tabela 1). Segundo Zeni et al. (2017) em seu estudo, a idade dos moradores é importante na pesquisa com plantas medicinais por representar o conhecimento passado de geração em geração. Neste sentido, o intervalo de idade entre os moradores mostra que o conhecimento tradicional passado de geração em geração ainda acontece dentro dessas comunidades.

Tabela 1. Frequência e porcentagem sobre a idade, etnia, sexo e tempo de residência nas comunidades rurais de Passo Liso (PL), Rio Verde (RV) e Rio do Tigre (RT), de Laranjeiras do Sul, Paraná.

Questão	Opção	Frequência			Porcentagem		
		PL	RV	RT	PL	RV	RT
Idade	>20	0	1	0	0	5,3	0
	21 a 40	4	5	6	25	26,3	40
	41 a 60	6	6	6	37,5	31,6	40
	> 60	6	7	3	37,5	36,8	20
Etnia	Alemã	0	1	6	0	5,3	40
	Brasileira	1	11	4	6,25	57,9	26,7
	Italiana	5	0	3	31,25	0	20
	Indígena	2	7	0	12,5	36,8	0
	Polonesa	4	0	0	25	0	0
	Russa	1	0	0	6,25	0	0
	Ucraniana	1	0	0	6,25	0	0
Não soube	2	0	2	12,5	0	13,3	
Sexo	F	14	12	9	87,5	63,1	60
	M	2	7	6	12,5	36,9	40
Tempo de residência (anos)	Até 5	0	2	1	0	10,5	6,7
	5 a 10	2	2		12,5	10,5	0
	10 a 20	1	4	2	6,25	21,1	13,3
	> 20	13	11	12	81,25	57,9	80
Número total de famílias		50					

Quanto à etnia, por meio dos dados levantados foi possível identificar vários grupos étnicos na região, dentre eles brasileira (32%), indígena (18%), italiana (16%), alemã (14%), polonesa (8%), russa (2%), ucraniana (2%) e não souberam responder (8%). Na região do Sul do Brasil, por “etnia brasileira” é considerado aquele indivíduo que é resultado da miscigenação de origens étnicas diferentes como dos povos indígenas originais, dos negros africanos e dos colonizadores portugueses. Verifica-se que a cultura indígena é bastante representativa entre as comunidades, e segundo autores como Santos, Araújo e Batista (2010), os indígenas são detentores de um conhecimento empírico ainda não conhecido em sua totalidade por pesquisadores, principalmente quando se refere a cuidar da biodiversidade e ao desenvolvimento de atividades menos predatórias, sendo a cultura indígena considerada a maior fonte de conhecimento empírico e de sabedoria da humanidade.

Quanto ao sexo, 70% dos moradores são do sexo feminino e 30% do sexo masculino. Segundo Pulga (2013), o conhecimento sobre plantas medicinais está intimamente ligado ao papel das mulheres dentro da família, e Marques et al. (2015)

explica que esta ligação provem do ato de cuidar, uma responsabilidade que a mulher traz para si.

Para as mulheres as plantas medicinais representam muito mais do que uma prática terapêutica, trata-se de uma consciência ecológica, uma tradição familiar além do cuidado. É importante destacar que a mulher camponesa veio ganhando seu espaço aos poucos e que as plantas medicinais funcionaram como uma “ponte” para uma reflexão mais ampla sobre questões de gênero. A partir de movimentos sociais como por exemplo, o Movimento das Mulheres Camponesas, as plantas medicinais puderam ser vistas não apenas como algo que a natureza oferece para tratamento de enfermidades, mas também como um momento para se introduzir um debate sobre sustentabilidade, agroecologia e soberania alimentar (MARQUES et al.; 2015).

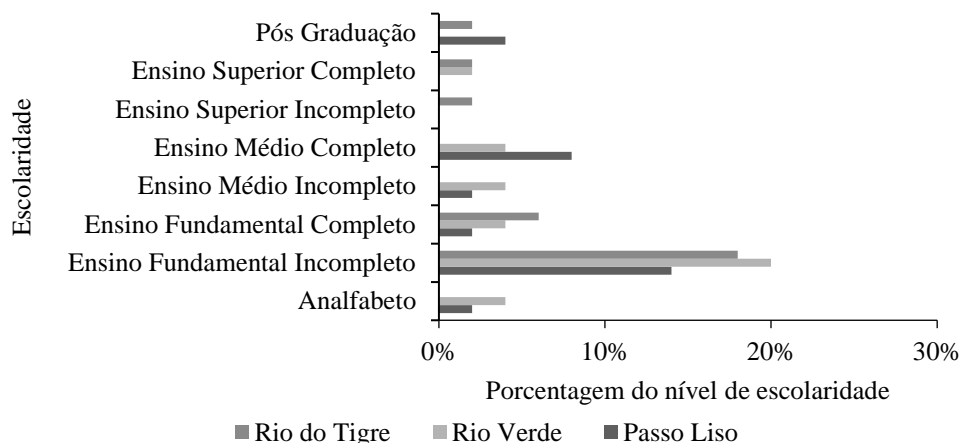
Além de fatores relacionados à idade e ao sexo dos moradores(as), foi evidenciado, que a maioria (72%) reside na respectiva comunidade há mais de 20 anos (Tabela 1). Muitos deles, além de herdarem de seus antepassados o conhecimento sobre plantas medicinais, herdaram também parte da

propriedade, podendo dar sequência ao cuidado e ao cultivo das plantas medicinais ali presentes.

Ainda com relação ao perfil dos moradores(as), outro ponto importante foi o grau de escolaridade que estes possuem. Na Figura 1, observamos que a maioria dos moradores(as) estudou apenas as séries iniciais do ensino fundamental (52%), seguidos daqueles que concluíram apenas o nível fundamental (12%) e também dos que concluíram o ensino médio (12%), na sequência os moradores(as) que cursaram apenas parte do ensino médio

(6%), os que ainda estão cursando o ensino superior somaram 2%, os que possuem ensino superior somaram 4%, e com pós-graduação 6%. O índice de analfabetismo ficou em 6%. Para Pires et al. (2014), o nível de escolaridade se mostra independente quando se trata do uso de plantas medicinais, podendo afirmar que o uso de plantas medicinais como opção de tratamento terapêutico ocorre de forma semelhante em pessoas com níveis menores de escolaridade e pessoas com maiores níveis de escolaridade.

Figura 1. Porcentagem referente ao nível de escolaridade dos agricultores (as) pertencentes às comunidades rurais de Rio do Tigre, Rio Verde e Passo Liso, de Laranjeiras do Sul, Paraná.



Quando questionados(as) sobre a utilização de plantas medicinais, 100% dos agricultores(as) moradores afirmaram que usam plantas medicinais para tratar de doenças ou sintomas, cotidianamente.

A fonte de conhecimento sobre plantas medicinais é revelada pelos moradores(as) como sendo um conhecimento cultural passado de geração em geração em sua maioria, sendo este conhecimento aperfeiçoado através de cursos oferecidos por instituições como o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e a Pastoral da Criança e também por meio dos profissionais informais como os Bioenergéticos e vizinhos da própria comunidade.

Sobre o conhecimento passado de geração em geração, vale destacar que este inclui além do cultivo, armazenamento e uso da planta, a distinção sobre as plantas que, se utilizadas de forma incorreta, podem ser tóxicas ou causar danos à saúde, onde a figura materna aparece como a detentora deste conhecimento e responsável por manter viva a cultura popular na família. Assim como citado anteriormente, a mulher camponesa novamente é destacada pelos moradores(as) neste momento.

Ao serem questionados quanto à frequência da utilização das plantas medicinais para tratamento de sintomas ou doenças, obtivemos as seguintes respostas, 90% disseram que utilizam plantas medicinais como primeira opção de tratamento ou diariamente mesmo sem estar doente, como uma prevenção para agravo da saúde ou doença; seguidos daqueles que ainda preferem utilizar apenas em casos mais simples ou concomitantemente ao medicamento sintético ou allopático (10%). No que se refere à utilização das plantas medicinais como primeira opção para fins de tratamento de enfermidade, os moradores(as) apresentaram os seguintes relatos: “[...] cresci

viendo a minha mãe usar plantas pra fazer chá, então aprendi com ela e uso sempre” (Entrevistado PL); “[...] as planta ajuda bastante, e são natural né? Daí não faz mal usa. Mas sempre é bom ter os remedinho também, porque eles faz o efeito mais rápido” (Entrevistado RV); “[...] aqui a comunidade fica longe da cidade, às vezes a gente precisa se virar com o que tem mais fácil, principalmente a gente que tem criança, ai as planta tem aqui na casa, e resolve um pouco até a saúde chegar na quinta, se não resolver daí vai no plantão” (Entrevistado RT).

Os motivos que levam esta grande porcentagem de agricultores(as) a utilizar plantas medicinais como primeira opção de tratamento, além da questão cultural, são fácil acesso às plantas, sendo que todos os moradores(as) têm em seu quintal pelo menos um tipo de planta que utiliza para fins medicinais. O fato da planta não ter um custo para aquisição, “não precisa comprar no mercado”, também foi destacado por eles(as).

Há também a convicção, de alguns moradores(as), que a planta medicinal é menos ofensiva ao organismo, ou seja, não faz mal porque trata-se de um produto natural. Cerca de 52% informaram que usam plantas medicinais por não apresentar efeitos colaterais como os medicamentos sintéticos. A seguir são apresentadas algumas falas: “[...] a planta é natural, é da terra, não faz mal” (Entrevistado PL); “[...] se a gente usa esses medicamento da farmácia, arruma uma coisa e estraga outra, então a planta é melhor, porque a gente toma os chá e não faz mal” (Entrevistado RV).

Alguns moradores(as) (18%) informaram ainda que um dos motivos que leva à utilização das plantas medicinais, é a demora do serviço de saúde chegar na comunidade, considerando que na Unidade de Saúde do Passo Liso o serviço de saúde é realizado duas vezes por semana, na Unidade de Saúde do Rio Verde

quinzenalmente, e na Unidade de Saúde do Rio do Tigre semanalmente.

Considerando tudo o que foi abordado nesta pesquisa com os agricultores(as), o conhecimento empírico que trazem com eles/elas, é evidenciado a todo momento nos seus relatos, como algo único, valioso e verdadeiro, é um conhecimento considerado uma herança de família, uma tradição. Em meu entendimento, os agricultores empiricamente acreditam no potencial curativo das plantas, cultivam estas plantas, preparam e consomem crendo que seu efeito será benéfico para a saúde daqueles que a utilizam.

Durante a realização das visitas e entrevistas foi possível fazer um levantamento da diversidade de plantas medicinais dos quintais dos agricultores das três comunidades rurais, evidenciando um total de 73 espécies de plantas medicinais, sendo as mais encontradas pertencentes a família Asteraceae com aproximadamente 19% (Tabela 2). Alguns exemplos de espécies desta família são: alcachofra, calêndula, camomila, figatil, guaco, marcela e novalgina.

Tabela 2. Plantas de uso medicinal conhecidas pelas famílias agricultoras das comunidades rurais de Passo Liso, Rio Verde e Rio do Tigre, de acordo com seu nome popular e científico, família botânica, parte da planta utilizada (PU), Indicação terapêutica popular (ITP), forma de preparo, tipo de uso e número de citações (N°).

Denominação popular	Nome científico	Família	PU	ITP	Forma de preparo	Tipo de uso	N°
Abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	Folha	Dor de estômago, má digestão, câncer, infecção na bexiga	Chá	Interno	1
Açafrão	<i>Curcuma longa</i> L.	Zingiberaceae	Raiz	Gargarejo ou bochecho no caso de infecção de garganta; como compressa	Chá	Interno	1
Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i> L.	Asteraceae	Flor	Dor de estômago, má digestão	Chá	Interno	3
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Folha	Hipertensão, circulação, nervosismo, ansiedade, má digestão, dor de cabeça	Chá, banho	Interno/externo	18
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Folha	Dor de garganta, problemas respiratórios, cólicas, infecção urinária e reumatismo	Chá, banho	Interno/externo	1
Alfazema	<i>Lavandula officinalis</i> L.	Lamiaceae	Folha, flor	Calmanete, dor de cabeça, dor de estômago	Chá	Interno	3
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Amaryllidaceae	Bulbos	Anti-inflamatório, gripe, vermes, hipertensão, colesterol, tosse, bronquite	Chá, fresco	Interno	3
Ameixa	<i>Eriobotrya japonica</i> Thunb. Lindl.	Rosaceae	Fruto	Gripe, bronquite, regulador intestinal	Chá	Interno	1
Amora branca	<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	Rosaceae	Folha	Hipertensão, dor de garganta, infecção urinária, colesterol, diabetes	Chá	Interno	1

Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Folha	Mal olhado, dor de cabeça, alergia, dor de dente.	Chá	Interno	11
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Xanthorrhoeaceae Asphodelaceae	Folha	Queimaduras, feridas, queda de cabelo	Shampoo, unguento	Externo	9
Bálsamo	<i>Sedum dendroideum</i> Moc. & Sessé ex DC	Crassulaceae	Folha	Dor de estômago, ferimentos	Chá, emplasto	Interno/ externo	3
Batata doce	<i>Ipomoea batatas</i> L.	Convolvulaceae.	Folha	Falta de vitamina C, gripe, diabetes, hipertensão, anemia	Chá	Interno	1
Bergamoteira	<i>Citrus aurantium bergamia</i>	Rutaceae	Folha, fruta	Diurética, febre, gripe, ácido úrico	Chá, in natura	Interno	1
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae	Folha	Dor de estômago, má digestão (fígado), azia, “embrulho” no estômago	Chá, maceração	Interno	7
Calêndula	<i>Calendula officinalis</i> L.	Asteraceae	Flor, folha	Conjuntivite, dor de estômago, circulação e coração, ferimentos, inflamação, cólica menstrual	Chá, pomada	Interno/ext erno	1
Camomila Maçanilha	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Asteraceae	Flor	Dor de barriga em bebês e crianças, calmante, gases, dor na gengiva, herpes, cicatrizante, hemorroidas	Chá, maceração, tintura	Interno/ externo	14
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Lauraceae	Casca	Bronquite, abortivo	Chá	Interno	1
Canfrinho Cânfora	<i>Artemisia alba</i> Turra	Compositae	Folha	Diabetes, hipertensão, dor no corpo, febre, cólicas, dor de cabeça	Chá	Interno	7
Capim cidreira Capim limão	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Poaceae	Folha	Ansiedade, gripe, hipertensão, gases	Chá	Interno	13
Capote Setecapote	<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Cambess.) O. Berg	Myrtaceae	Folha	Diarreia	Chá	Interno	1

Carqueja	<i>Baccharis articulata</i> (Lam.) Pers	Asteraceae	Folha	Dor de estômago, feridas	Chá, decocção	Interno/externo	1
Casca do Monjoleiro	<i>Senegalia polyphylla</i>	Fabaceae Mimosoideae	Casca, folha	Febre, tosse	Chá	Interno	1
Catinga de mulata	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Asteraceae	Folha, flor	Dor no corpo, cicatrização, piolho, vermes, asma, infecção	Chá, pomada, decocção	Interno/externo	7
Cavalinha	<i>Equisetum hyemale</i> L.	Equisetaceae	Casca	Diurético	Chá	Interno	4
Cipó escada	<i>Bauhinia Splendens</i>	Fabaceae Caesalp.	Caule, casca e folhas	Hemorroidas, reumatismo	Chá	Interno	1
Cipó Mil-homens	<i>Aristolochia triangularis</i> Cham.	Aristolochiaceae	Caule, folha	Vermes, diarreia, problemas respiratórios, coceira, picada de cobra	Chá	Interno	4
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Apiaceae	Folha	Calmante, cólica em bebê	Chá	Interno	1
Confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae	Folha	Cicatrizante, ferimentos, doenças respiratórias, dor de estômago	Chá, emplasto	Interno/externo	7
Couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	Brassicaceae	Folha	Ferimentos, queimaduras	Sumo, emplasto	Interno/externo	1
Cravo de defunto	<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae	Flor	Vermes, laxante, imunidade	Maceração, chá	Interno/externo	2
Endro	<i>Anethum graveolens</i> L.	Apiaceae	Folha, flor, semente	Cólica em bebê, diarreia, dor de estômago, má digestão, aumentar leite materno	Chá	Interno	7
Erva de bicho	<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	Polygonaceae	Folha	Hemorroidas	Pomada	Externo	1
Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Apiaceae	Semente	Cólica em bebê, aumentar leite materno	Chá	Interno	13
Espinheira Santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	Celastraceae	Folha	Má digestão, dor de estômago	Chá	Interno	6
Figatil	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex Walp	Asteraceae	Folha	Sintomas do fígado e vesícula, náusea, vômito, má digestão	Chá	Interno	2
Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Apiaceae	Folha, fruto	Gases, sensação de “estufamento” na barriga	Chá	Interno	3
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae	Rizoma	Tosse, gripe, bronquite, gases	Chá	Interno	12
Gervão	<i>Verbena</i> sp.	Verbenaceae	Folha	Vermes, diarreia, dor de barriga, dor de cabeça	Chá	Interno	3

Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Folha	Sapinho, corrimento vaginal	Chá	Interno/externo	1
Guaco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Asteraceae	Folha	Gripe, bronquite, tosse	Chá, xarope	Interno	6
Guavirova	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> O. Berg	Myrtaceae	Folha	Colesterol, hipertensão, gripe	Chá	Interno	2
Guaxuma	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Malvaceae	Planta inteira	Diarreia, infecção urinária	Chá	Interno	1
Guiné	<i>Peiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	Folha	Dor de barriga, reumatismo no sangue, gripe, ferimentos, tosse com catarro	Chá	Interno/externo	5
Hortelã	<i>Mentha</i> spp.	Lamiaceae	Folha	Calmante, gripe, dor de cabeça, vermes	Chá	Interno	23
Insulina	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C. E. Jarvis	Vitaceae	Folha	Diabetes	Chá	Interno	3
Laranjeira	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Rutaceae	Folha	Gripe, resfriado	Chá	Interno	6
Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Asteraceae	Folha	Vermes, gases, má digestão, diurética	Chá	Interno	8
Macieira	<i>Malus domestica</i>	Rosaceae	Folha	Diabetes, colesterol	Chá	Interno	1
Malva	<i>Malva sylvestris</i> L.	Malvaceae	Folha, flor, fruto	Dor de dente, bronquite, tosse, corrimento	Chá	Interno	4
Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Folha	Disenteria	Chá	Interno	3
Manjerona	<i>Origanum majorana</i> L.	Lamiaceae	Folha	Má digestão, cólica em bebês, azia	Chá	Interno	8
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosoides</i> L.	Brassicaceae	Folha	Gripe, resfriados, dor de garganta	Chá	Interno	2
Marcela	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Asteraceae	Folha, flor	Cólica, diarreia, colesterol, calmante	Chá	Interno	6
Marcelinha Galega	<i>Chamaemelum nobile</i> (L.) All.	Asteraceae	Folha, flor	Cólica	Chá	Interno	7
Melissa	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	Folha, flor	Ansiedade, enxaqueca, gripe, herpes	Chá	Interno/externo	5
Morango	<i>Fragaria ananassa</i> ^x	Rosaceae	Folha	Infecção urinária	Chá	Interno	1
Novalgina Mil-ramas Mil-folhas Pronto alívio	<i>Achillea millefolium</i> L.	Asteraceae	Folha	Ansiedade, stress, dor de cabeça, cólica, febre, diurética	Chá	Interno	13
Osmarin	<i>Helichrysum italicum</i> G. Don f.	Asteraceae	Ramo, folha	Anti-inflamatória	Chá	Interno	1

Pata de vaca	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Fabaceae	Caesalp.	Folha, ramo, casca, flor	Diurética, diabetes	Chá	Interno	2
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L	Myrtaceae		Folha	Diarréia, dor de estômago, colesterol, diabetes, calmante, cicatrização	Chá, maceração	Interno/externo	2
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae		Folha	Tosse com catarro, peito carregado, calmante para bebês	Chá	Interno	10
Pulmonaria	<i>Stachys byzantina</i> Koch	K.	Lamiaceae	Folha	Má digestão, dor estômago, gripe	Chá	Interno	3
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.		Phyllanthaceae	Folha, flor, raiz	Diurética, pedra nos rins, diabetes, cólica	Chá	Interno	2
Salsaparrilha	<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng.		Smilacaceae	Folha	Inflamação	Chá	Interno	1
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i> L		Lamiaceae	Folha, flor	Má digestão, dor de estômago, retenção de líquidos, diabetes, intestino preso, picada de inseto, micose	Chá	Interno	8
Sete-sangria	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J. F. Macbr		Lythraceae	Folha	Hipertensão, diabetes	Chá	Interno	1
Tanchagem	<i>Plantago major</i> L.		Plantaginaceae	Semente	Diurético, diarreia, tosse, hipertensão	Chá	Interno	6
Tarumã	<i>Vitex taruma</i> Mart.		Verbenaceae	Folha	Reumatismo, hemorroidas, problemas de pele	Chá	Interno	4
Tenente José	<i>Picramnia parvifolia</i> Engl.		Picramniaceae	Caule, folhas	Dor de estômago, diarreia, anemia	Chá	Interno	1
Terramicina Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze		Amaranthaceae	Folha, flor	Inflamação e infecção, diurética, dor no corpo, gases, tosse	Chá, maceração	Interno	5
Violeta	<i>Viola odorata</i> L.		Violaceae	Folha, flor	Ferida na boca, dor de garganta	In natura	Interno	6

Podemos observar que entre as plantas medicinais citadas, há nomenclatura semelhante à de fármacos desenvolvidos pela indústria farmacêutica, são exemplos: a insulina, a novalgina que também enquanto planta, recebe o nome de mil-folhas, mil-ramas

e pronto alívio, e a penicilina também denominada terramicina. A relação entre a indicação do uso da planta e do fármaco para o tratamento de sintomas é evidente. Como planta, a insulina é indicada empiricamente para auxiliar no tratamento de diabetes,

assim como a insulina fabricada pela indústria farmacêutica, já a novalgina é citada pelos agricultores como uma planta indicada no tratamento de dores de cabeça e febre, além de outros sintomas, sendo que estes dois sintomas citados coincidem com a indicação terapêutica da Novalgina, nome comercial da dipirona sódica, indicada para o tratamento de sinais de febre e dor. A penicilina enquanto planta é indicada para inflamação e

infecção, e enquanto medicamento é usada com ação antibiótica, atingindo desta forma os focos de infecção por bactérias.

Nas três comunidades estudadas, as cinco espécies de plantas medicinais mais utilizadas foram: Hortelã (*Mentha spp.*), Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), Gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), Losna (*Artemisia absinthium* L.), Camomila (*Chamomilla recutita* (L.) Rauschert), conforme Tabela 3.

Tabela 3. Porcentagem e frequência das cinco plantas mais utilizadas pelas comunidades de Passo Liso (PL), Rio Verde (RV) e Rio do Tigre (RT), pertencentes ao município de Laranjeiras do Sul, Paraná

Plantas Mediciniais	Frequência			Total	(%)
	PL	RV	RT		
<i>Mentha spp.</i>	9	6	5	20	40
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	4	4	2	10	20
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	4	4		8	16
<i>Artemisia absinthium</i> L.	4	3	1	8	16
<i>Chamomilla recutita</i>	5	1	2	8	16

Quanto à origem das plantas medicinais mais citadas pelos agricultores (as), três delas são de origem europeia, sendo a hortelã, a camomila e a losna, já o gengibre tem suas origens na Índia e na China, e o alecrim é originário das Costa do Mar Mediterrâneo (MOTA; RODRIGUES, 2001).

Para o uso no tratamento de enfermidades, as plantas medicinais mais mencionadas e conhecidas pelas comunidades foram a hortelã, alecrim, gengibre, losna e camomila. Em geral, o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais para o tratamento de doenças é passado de geração em geração, pois trata-se de um conhecimento empírico, adquirido através da observação e da experimentação, isto ocorre desde a época primitiva quando o homem observava o comportamento de animais adoecidos utilizando remédios do mato para melhorar sua condição e repetindo este comportamento para sintomas semelhantes aos dos animais. Outra tática utilizada pelo homem desde o princípio era a da semelhança pelo formato ou cor da planta ou fruto, no tratamento de doenças. Apesar de ser uma tradição de uso como remédio em uma população ou comunidade, o uso de plantas medicinais requer cuidados, pois se utilizadas de forma incorreta, indiscriminadamente podem acarretar em superdosagens, ineficácia terapêutica e toxicidade (ZENI et al., 2017).

A hortelã (*Mentha spp.*), foi mencionada para tratar nove tipos de sintomas distintos, sendo sintomas de gripe um dos mais citados pelos moradores. Esta planta é utilizada para fazer chá, como explica o agricultor, “[...] então você pega e põe umas duas colher de açúcar numa panelinha e leva ao fogo até derreter, daí ferve uma água na chaleira, que dê mais ou menos um copo, e põe junto do açúcar derretido e umas folha de hortelã, fecha com uma tampa pra abafar, e deixa ali até esfriar, e toma antes de dormir, pra gripe num tem coisa melhor, mas daí você não pode tomar nada gelado no outro dia, se não prejudica (Entrevistado PL)”.

Na citação do morador descrita acima é possível perceber que a planta não pode ser preparada e consumida de qualquer maneira, há todo um ritual empírico que nasce de uma tradição cultural sobre determinada planta. Na simplicidade do preparo deste “remédio” vemos que há uma relação de cuidado

empregado por aquele que prepara e ensina o consumo correto da planta e aquele que necessita deste remédio. O cuidado, neste caso está muitas vezes ligado à figura materna dentro da família, pois é a mulher muitas vezes quem toma conta da horta onde as plantas medicinais se encontram, é ela também quem detém aquele conhecimento passado de geração em geração.

Outra planta utilizada para vários tipos de sintomas é o alecrim, que segundo os agricultores(as) pode ser uma opção de tratamento para sete tipos de sintomas, sendo o nervosismo ou ansiedade o mais comum citado entre os moradores. Segundo eles/elas o alecrim age como um calmante, podendo ser usado na forma de chá ou como um tempero.

Entre os moradores(as), o gengibre surgiu como uma planta medicinal capaz de tratar sete tipos de sintomas, entre os mais citados temos a dor de garganta e a tosse. É comum encontrar o gengibre em grande parte dos quintais dos moradores, sendo utilizado na forma de chá, entretanto alguns moradores também afirmaram a utilização para fabricar quentão nas festas juninas da comunidade.

A losna foi citada pelos agricultores(as) como uma planta capaz de tratar dor de estômago e machucadura. Já a camomila, ou também denominada popularmente maçanilha, pode ser usada tanto para nervosismo ou ansiedade, dor de estômago e infecção. Sendo esta planta muito utilizada para tratar estes sintomas em bebês e crianças. Conforme o relato de um agricultor(a): “[...] a camomila é boa pra acalmar os bebês, eu criei tudo os filho usando chá quando tavam doente, porque a gente aqui no interior tem que se virar com os remédio do mato [...]” (Entrevistado PL).

Por esta expressão “remédio do mato”, percebe-se que há um reconhecimento do agricultor(a) de que a natureza é providencial, ela lhe fornece o que necessita para viver com saúde, o que evidencia o significado de conhecimento empírico. O fato de morar na zonal rural, no interior, significa estar distante do remédio da “ciência”, dos recursos médicos, então é preciso recorrer à experiência no uso e preparo das plantas medicinais herdadas pela tradição.

Aos moradores(as) ainda foi questionado sobre como as plantas utilizadas são adquiridas, onde 100% deles informaram

que a maioria das plantas que utilizam estão em seus próprios quintais, entretanto há também a troca de mudas de plantas entre os agricultores de uma mesma comunidade, e em últimos casos elas podem ser adquiridas no comércio central de Laranjeiras do Sul, Paraná.

Estudos científicos trazem a eficiência das plantas medicinais e entre elas, as que foram citadas pelos agricultores (as) moradores. A hortelã é indicada como vermífugo, tem função digestiva e calmante. Desta planta é possível extrair óleos essenciais assim como do gengibre. O gengibre é indicado para tratamento de reumatismo, rouquidão, gripe e resfriados, bronquite, sintomas estomacais e como tônico (MOTA; RODRIGUES, 2001).

De forma geral, o tema plantas medicinais, quando abordado, remete a uma série de assuntos correlatos, tais como a agroecologia, onde a conexão está em um ponto convergente comum entre os temas que é a valorização do conhecimento empírico que vem das mais diferentes culturas presentes nas comunidades, o uso de práticas agroecológicas para o cultivo e o fortalecimento da agricultura familiar.

CONCLUSÕES

Independente das diferentes etnias dos agricultores(as) (“brasileira”, italiana, alemã, polonesa), todos apresentaram em comum práticas tradicionais no uso de plantas medicinais.

Os agricultores(as) representam um retrato do conhecimento empírico empregado no cuidado e no tratamento de sinais e sintomas com plantas medicinais. Desde o cultivo da planta, o modo como deve ser colhida, a receita de como deve ser preparada e consumida, passa por todo um ritual.

Os agricultores(as) buscam nas plantas medicinais uma forma de tratamento terapêutico pela facilidade de acesso e por consideram que as plantas oferecem menos efeitos colaterais que os medicamentos. Além disso, as limitações do serviço de saúde nas comunidades muitas vezes faz com que o uso das plantas medicinais se tornem o único recurso disponível para algumas famílias.

Para as principais espécies medicinais utilizadas, de maneira geral, não são utilizadas técnicas específicas para preparo do solo, adubação e época de plantio.

Quatro, das cinco plantas mais utilizadas devem ser consumidas imediatamente após serem colhidas, a exceção cabe à camomila que deve passar por um processo de secagem, ser armazenada, e posteriormente consumida. Entre as formas de preparo possíveis, a mais comum é na forma de chá (fervido ou por infusão), podendo ser este tomado frio ou quente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; CUNHA, L.V. F.; L.V. F.; LUCENA; ALVES, R. R. N (eds.) *Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology*. Humana press: Editora, 2014, p.15-38.

ALVES, J. J. P.; LIMA, C. C. de.; SANTOS, D. B.; BEZERRA, P. D. F. *Conhecimento popular sobre plantas medicinais e o cuidado da saúde primária: um estudo de caso da comunidade rural de mendes, São José de Mipibu/RN. Carpe Diem: Revista Cultural e Científica do Unifacex*, 13(1): 136-156, 2015

BADKE, M. R. *Conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais e o cuidado de enfermagem*. Dissertação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008, 96p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos/Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica - Brasília: Ministério da Saúde, 2016.190 p. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/politica_programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf>. Acessado em 25 out 2019.

CAPORAL, F. R. Poderá a Agroecologia responder aos cinco axiomas da sustentabilidade? *Revista Brasileira de Agroecologia*, 11(4): 390-402, 2016.

IPARDES; Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social Diagnóstico socioeconômico do Território Cantuquiriguaçu: 1ª fase: caracterização global/Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. – Curitiba: IPARDES, 2007. 145p.

IPNI - International Plant Names Index. Disponível em: <<http://www.ipni.org>>. Acessado em 31 jan 2019.

MARQUES, F. C.; BENVENÚ, V. C.; ERICE, A. S.; CARLI, A. P. As mulheres e as plantas medicinais: reflexões sobre o papel do cuidado e suas implicações. *Retratos de Assentamentos*, 18(1): 155-182, 2015. [10.25059/2527-2594/retratosdeassentamentos/2015.v18i1.186](https://doi.org/10.25059/2527-2594/retratosdeassentamentos/2015.v18i1.186).

MATTOS, G.; CAMARGO, A.; DE SOUSA, C. A.; ZENI, A. C. L. B. Medicinal plants and herbal medicines in primar y health care: The perception of the professionals. *Ciência e Saúde Coletiva*, 23(11): 3735-3744, 2018. [10.1590/1413-812320182311.23572016](https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.23572016).

MOTA, D. S. O.; RODRIGUES, V. G. Plantas Medicinais. Subprojeto Instalação de horto-matriz de plantas medicinais em Porto Velho-RO. Embrapa Rondônia. Folder 08 -Série "Plantas Medicinais", dezembro 2001. Disponível em: <http://www.cpafrro.embrapa.br/embrapa/infotec/hortela_jap.PDF>. Acessado em: 10 abr 2019.

OMS, ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD. *Estrategia de la sobre medicina tradicional 2014-2023*. Ginebra, Editora Organización Mundial de la Salud, 2013, 75p.

PIRES, I. F. B.; SOUZA, A. A.; FEITOSA, M. H. A.; COSTA, S. M. Plantas medicinais como opção terapêutica em comunidades de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira Plantas Medicinais*, 16(2): 426-433, 2014. [10.1590/1983-084X/12_089](https://doi.org/10.1590/1983-084X/12_089).

PMLDS – PREFEITURA MUNICIPAL DE LARANJEIRAS DO SUL, 2018. Município/ Laranjeiras em números. Laranjeiras do Sul – PR. Disponível em:<<https://www.laranjeirasdosul.pr.gov.br/>>. Acessado em: 10 Out 2019.

PULGA, V. L. Contribuições do movimento de mulheres camponesas para a formação em saúde. Trabalho, educação e saúde, 11(3): 573-590, 2013. [10.1590/S1981-77462013000300007](https://doi.org/10.1590/S1981-77462013000300007).

ROCHA, F. A. G.; ARAÚJO, M. F. F.; COSTA, N. D. L.; SILVA, R. P. O uso terapêutico da flora na história mundial. Holos. 1(31): 49-61, 2015. [10.15628/holos.2015.2492](https://doi.org/10.15628/holos.2015.2492).

ROCHA, R.; MARISCO, G. Estudos etnobotânicos em comunidades indígenas no Brasil. Revista Fitos, 10 (2): 95-219, 2016. [10.5935/2446-4775.20160012](https://doi.org/10.5935/2446-4775.20160012).

SANTOS, M. L.; ARAUJO, E. M.; BATISTA, A. R. Plantas medicinais usadas pelos índios Kambiwá Ibimirim – PE. Revista Brasileira de informações Científicas, 1(1): 78-85, 2010.

STADNIK, M. J.; VELHO, A. C.; ZORRILLA, S. E. (Ed.). Desenvolvimento sustentável na produção agroalimentar. 1 ed. Florianópolis: Ed. CCA/UFSC, 2019. 318p.

SILVA, A. C. da.; LOBATO, F. H. S.; RAVENE-CANETE, V. Plantas medicinais e seus usos em um quilombo amazônico: o caso da comunidade Quilombola do Abacatal, Ananindeua (PA). Revista Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity, 11(3): 113-136, 2019.

ZENI, A. L. B.; PARISOTTO, A. V.; MATTOS, G.; SANTA HELENA, E. T. Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na Atenção Primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. Revista Ciência & Saúde Coletiva, 22(8): 2703-2712, 2017. [10.1590/1413-81232017228.18892015](https://doi.org/10.1590/1413-81232017228.18892015).